N.º 12 (134) — 3.º ANNO

Terça-feira, 17 de Janeiro de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVÃO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

Typographia A NACIONAL

38, Rua da Conceição da Gloria, 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUÃO»

Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

Macacos, macaquinhos e macacões

Agora quem manda sou eu: em os macaquinhos me apoquentando, levam um puchão pelo rabo!...

❋ Numeros extraordinarios d'O Zé ❋

Dias 24 e 31 de janeiro.

O 1.º dedicado ao dr. Antonio José d'Almeida e o 2.º ao Anniversario da Revolta do Porto, contendo os retratos de «João Chagas», «major Coelho» e «alferes Malheiros» e dos martyres «Buiça» e «Costa».

Collaboração esmerada.

Impressão a 4 côres.

A semana anterior, foi uma semana cheia de factos que trouxe a população de Lisboa sempre sobresaltada.

Primeiro foram os assaltos ás typographias dos jornaes monarchicos;

Depois a publicação da lei do descanço semanal;

Depois a gréve dos caixeiros;

Depois a gréve dos ferro viarios;

Depois... Perdão, até á data em que se escreve esta chronica, não ha mais nada de extraordinario, portanto este ultimo *depois* fica para depois.

Orá, todos estes acontecimentos já são conhecidos do publico, é certo; mas o que esse mesmo publico não sabe, é a nossa opinião a tal respeito, e como não a sabe, vamos expol a.

Como dissemos no nosso primeiro numero, o *Zé* não é republicano, não é monarchico, não é socialista, não é anarchista, e no fim de contas, é tudo isto e mais, um jornal para rir.

Mas apezar de levar as coisas a rir, lá vem uma ou outra vez, em que tambem gosta de falar a sério, e hoje essa vez chegou.

Vamos por partes:

No assalto ás typographias, houve quem visse n'esse acto uns requintes de selvageria, porque a casa do cidadão é inviolavel e ninguem tem direito de arrombar uma porta e deteriorar o que estiver d'essa porta para dentro.

Muito bem.

Mas quem teve a culpa do que succedeu?

Foram os que praticaram o acto, ou foram os que deram motivo para que elle se praticasse?

Em nossa opinião, foram estes ultimos.

Lá porque o Governo os deixou tentar o vôo, elles, não satisfeitos com isso, quizeram voar alto, e tão alto voaram que cahiram desastradamente nas mãos do Zé Povinho, que apezar de ser manso como um borrego, é mais feroz que um tigre quando o fazem zangar.

O resultado viu se.

Houve tambem quem dissesse que o grupo assaltante era um bando de *maltrapilhos*, gente baixa e costumada a arruaças.

Pudera!

Pois quem queriam que fosse?

Os senhores de chapéu alto e gravata lavada?

Os que frequentam S. Carlos, ou vão á noite para a *Brazileira* tomar café?

Esses sim, coitados!... Tomaram elles que os deixem saborear a moka socegadamente, e fumar o seu *La Caza* discutindo os carinhos das amantes *cocottes*.

Mas não se esqueçam que foram esses *maltrapilhos*, essa gente costumada a arruaças, que fez a revolução de 5 de outubro!

Sim, não se esqueçam d'isso!...

*

A lei do descanço semanal só serviu para a gente se fartar de rir!...

Aquillo não é lei de *descanço*, é de *desassocego*!...

Principalmente aquelle paragrapho respeitante ás padarias acabarem a venda ás 11 horas da manhã de domingo, e só reabrirem no dia seguinte á mesma hora, é unico!!...

O pão, que hoje se compra ás 11 horas de domingo, é feito na fornada das 3, 4 horas d'essa manhã, e quando chega ás 4 ou 6 da tarde, já se não póde comer, porque a serradura, queremos dizer, a farinha empregada, é de tal ordem, que se esfarela toda na bôca, dando-nos a impressão de estarmos mastigando um bocado de farinha de pau.

Calculem portanto o que será quando se tiver de roer 24 horas depois!

Tem de se deitar de mólho, pela certa...

Achamos tão impossivel que esta lei fosse architectada por algum dos ministros actuaes, que temos Fortes razões para julgar que se não ponha em execução.

Bem fizeram os caixeiros quando viram, que no fim de esperarem tempos infinitos pela regularisação das horas de trabalho, lhe não apparecia o que tinha sido promettido sob palavra de honra, de se pôrem logo em gréve, e não descançarem sem verem realizados os seus desejos.

E o caso é que essa gréve ainda deu um bocado de trabalho á Associação dos Lojistas, que foi afinal quem sem metteu no assumpto, resolvendo a questão da melhor forma possivel, conseguindo que os estabelecimentos fechassem as suas portas ás 8 horas da noite, menos aos sabbados, que por ser final de semana, e por muita gente ter de fazer as suas compras n'esse dia, passam a fechar se então ás 10.

Com esta decisão ficou por emquanto a questão sanada, isto até chegar as Constituintes, que são uma especie de *Terra Promettida*, dos Hebreus, pela qual toda a gente espera como quem espera a salvação.

Mas com franqueza, para nós, a gréve mais sympathica é a dos ferro-viarios.

Pois aquelles que mais trabalham, aquelles cujo ordenado mal lhes chega para matar a fome á familia, e quando recebem as chamadas *gratificações*, ficam a olhar para as mãos sem nada verem, visto que é menos do que um mez de vencimento, não se devem queixar, quando no fim de contas, o pessoal dirigente, os *meninos bonitos* da Companhia, recebem dezenas de contos.

Para que servem as repartições cheias de empregados sem precisão, que sobem postos, porque os *padrinhos* politicos assim o querem, ficando os outros, mais antigos, com mais annos de serviço, lesados nos seus interesses?

Honra seja feita aos grevistas!

Não se deixem lograr!

Bem sabemos que as gréves n'estas alturas podem trazer graves entraves á solidificação do Governo, mas tambem não se póde estar á espera infinitamente que um pedido seja attendido.

A gréve é a unica arma que o operariado tem contra o capital que o explora, o que é preciso é haver razão para a fazer, muita seriedade nos seus actos, muita cordura e sobretudo muita união entre todos os grévistas.

Sem isto nada se faz.

*

NOTA DA CHRONICA:

Um cliente ao seu medico:

Parece impossivel que ainda lhe não dessem uma gran-cruz, doutor.

— Que quer?! Nós os medicos, temos muitos inimigos n'este mundo...

— E quantos não terão no outro!...

Casos bicudos

Dois casos bicudos como o diabo se deram a semana passada.

Um foi a greve dos «ferros-viarios» que mostraram uma tenacidade de «ferro», sem porem passarem a «vias» de facto; o outro foi a «greve» dos caixeiros, que teimavam em não querer vender nem mais sedas, nem mais batatas, emquanto lhes não marcassem «ali á preta» as horas que haviam de trabalhar.

Como consequencia «bicuda» d'este tão «bicudo» caso, iamos tendo a demissão do cargo de ministro do interior do nosso sempre querido dr. Zé d'Almeida.

Se tal acontecesse a gente havia de fazer uma chiada de todos os diabos, uma berraria infernal, porque o queremos alli no ministerio, sentadinho á mão direita do pae Thephilo.

Queremo-lo alli como um catita, com a sua «cuia» de philosopho, e a sua pera revoltada, a legislar leis liberaes todas na ponta da unha, a trabalhar a favor d'este pobre «Zé-Povinho».

Se S. Ex.ª (ai, S. Ex.ª não...) se o «cidadão» ministro teimasse, ficava-mos mal com elle para toda a vida!

Os caixeiros, esses pobres proletarios do balcão, essa esquecida e ignorada avalanche de trabalhadores, que por esse paiz fóra, das maiores cidades ás mais esquecidas aldeias, trabalham e suam, mourejando atraz das tabuas do balcão, atrophiando-se phisica e moralmente, da loja para a cama, e da cama para a loja, podem-se orgulhar de ter ao seu lado o talentoso ministro do interior, o homem recto e probro que para não faltar á sua palavra se dispunha a abandonar a pasta de ministro!

Bem haja o cidadão ministro, e—nós aqui o juramos—se o nosso «Zé» não fosse simplesmente um jornal de «reinação», haviamos de escrever em sua honra, uma coisa «d'escacha», um artigo de «bota abaixo, cae' calice!»

Olé se escreviamos!...

Como tudo em Portugal entra rapidamente nos eixos, os caixeiros voltaram ao balcão, o sr. ministro voltou ao ministerio, e os «meios» de transportes voltaram a girar no «meio» das calhas, o que a nós pouco nos importa, pois que por falta de «meios», costumamos andar sempre a pé, pelo «meio» da rua.

Tudo se resolveu, tudo se harmonisou sem recorrer a «meios» violentos, pois que as coisas, por «meios» suasorios são mais faceis de levar.

*

O João Franco que se tem farto de rir do «Zé», e mangar com toda esta tropa, acaba de nos pregar mais uma, e o governo que tem a força na mão, mas que parece estar dormindo, por causa da Dona Tolerancia, e mais da sr.ª D. Benevolencia, deixou-o safar á vontadinha!

Palavra que estamos tão fulos, que nos dá vontade de chamar «thalassa» ao governo! Então nós não usamos de violencia alguma, quando os podiamos ter estrafilado todos, e o governo a deixal-os fugir?

Ora bolas para isto!...

VIU-SE GREGO.

♣

O poema da rua

VI

Em que o auctor encontra uma castanha (quente e boa) perdida e lhe faz o discurso que vae ler-se:

Perdida? Não! pois n'este corneo mundo
Nada se perde, e nada se procria;
(Não julguem que isto seja fantasia,
Disse-o Lavoisier, sabio profundo.)

Mas tudo se transforma no fecundo
Seio da vasta terra, humida e fria:
Desde uma fera á mansa cotovia,
Desde um sêr puro ao mais abjecto, immundo!

A vida é toda assim:—transformações!
Algumas são até de alto quilate:
As batatas transformam se em feijões...

Oh! mysterios do mundo! Oh! causa extranha
Talvez que um dia venhas a ser vate;
Quem sabe se eu virei a ser castanha?!

MANUEL CHAGAS (Parlieto).

A 31 DE JANEIRO numero dedicado a João Chagas, major Coelho e alferes Malheiros

Verdades

O povo de Lisboa mostrou que o povo portuguez não esquecera os seus direitos e que não se sujeitaria mais a um regimen reaccionario e de ladrões derrubando a monarchia e proclamando a republica na gloriosa aurora de 5 de outubro. Teve o fim que merecia a dynastia que tinha nos seus alicerces o jesuitismo, que foi ornada com as scenas de devassidão de Carlota Joaquina e João V, com a fuga do poltrão João VI e com a traição de Maria II que não duvidou chamar as armas do extrangeiro contra o seu povo. Afundou-se no lodaçal immenso da covardia e da desvergonha.

E não se julgue que os seus ultimos monarchas em coisa alguma desmentiram as tradições da sua grey. Carlos foi o penultimo, Carlos foi um ladrão e mentiroso. Nem de outra fórma se póde qualificar o individuo que concorria para subscripções publicas dizendo tirar o dinheiro do seu cofre particular mas que depois o reembolsava do cofre da nação, do povo. Do primeiro ao ultimo que espectaculo nos promove a sua passagem? Estupros, incestos, polyandria, traições, lagrimas, guerras, roubos, convulsões e envenenamentos. Em resumo e em duas palavras: falta de dignidade. Ah! e esta não se observa só nos seus orgãos principaes: a podridão vae até ás cithimas mollecullas do organismo.

A todas contamina por egual. Em todos os sentidos se propaga. Os seus mais infimos adeptos, com rarissimas excepções que tanto mais nobilitam quanto menor for o seu numero, tinham a mesma noção sobre honra e dignidade. O roubo, a pilhagem desenvolvera-se na mais larga escala e a ancia de enriquecer em pouco tempo e com pouco trabalho fizera com que os cofres da nação, para os quaes o povo concorre com o seu suor, a sua vida, fossem postos a saque para gaudio de meia duzia de traficantes sem escrupulos. Mas tal regimen acabou pois o povo enjoado com tanta falta de sentimentos impoz-se e *a monarchia baqueou*, emfim, *para sempre*. Implantou-se a republica. Então viu-se a firmeza das convicções d'aquelles que se diziam partidarios das caducas instituições. De duas uma: ou eram monarchicos convictos e o facto da republica ser acclamada só por si não lhes fazia ver a superioridade d'este regimen sobre o extincto ou o não eram e n'esse caso não passaram de uns covardes a quem faltou a coragem para dizerem bem alto qual o seu ideal quando tal os poderia incommodar um pouco. D'aqui não se póde sahir *senhores adhesivos*. Triste espectaculo deram pois os soi-disant adeptos do throno. Mas se nos custa observar esse espectaculo, onde a falta de dignidade se patenteia a descoberto, egualmente nos custa observar outro onde a falta de energia parece querer mostrar-se. Referimo-nos á attitude do governo para com essa horda de homens que como d'antes bajulavam a monarchia para poderem tripudear á sua vontade hoje bajulam a republica na esperança de que esta amanhã os deixe proceder de egual fórma.

A republica foi proclamada para todos os portuguezes, diz-se e concordamos mas egualmente não é menos verdadeiro que uma das principaes determinantes da revolução de 5 de outubro foi a falta de moralidade da monarchia e o povo, certamente, não gostará de ver que não são apeados dos seus pedestaes os antigos magnates gozando ainda muitos d'estes o seu velho poderio. Estes só podem ser prejudiciaes á republica. São uns falsos republicanos. Só declararam que o eram quando a viram triumphante e assim como immediatamente repelliram a monarchia quando a viram tremendo seriamente, amanhã abandonarão da mesma fórma a republica se julgarem que ella estaria menos firme. A falta de dignidade que os levou a darem vivas á republica e morras á monarchia leval-os-hia agora a dar morras á republica e vivas ao que viesse. Nos republicanos chamados historicos, porque já o eram no tempo em que era motivo para dissabores e perseguições é que a republica deve appoiar-se.

Estes se lhe eram dedicados quando esta não passava de um ideal hoje mais o serão que ella é uma realidade. Se tudo davam para a conquistar hoje tudo darão para a conservar. Estejamos d'isso certos. Já temos ouvido dizer que «isto continua a ser d'elles» e já o temos egualmente lido, devendo concordarmos que em tal affirmação ha um pouco de verdade.

Não se julgue com isto que a obra do governo não merece grandes applausos. Merece, e bastantes, pois que, muito tem feito para tão pouco tempo de vigencia. A maioria dos decretos publicados no «Diario do Governo» satisfazem a opinião republicana. Houve porem dois que levantaram fortes protestos e hoje occuparemo-nos do primeiro d'elles.

Referimo-nos ao decreto da regulamentação do direito á greve. A revolução politica foi sempre succedida por manifestações da economica. Portugal não podia fazer excepção á regra. Se o fizesse admiraria muitissimo, sabidas como são as pessimas condições economicas em que vive o nosso operariado humilhado e expoliado por patrões e governos. Tendo-se a nação libertado politicamente os trabalhadores julgaram, e muito bem, a occasião apta para fazer valer as suas reclamações unicamente tendentes a melhoria de situação, julgaram o momento ainda mais opportuno quando viram que o governo reconhecia o direito á greve. Houve então algumas greves successivas, que como não podia deixar de succeder, causaram alguns transtornos. Todavia isso era inevitavel pois que abandonando uma classe o trabalho essa interrupção no serviço, não póde deixar do fazer-se sentir no publico e é justamente ahi que está a grande utilidade da greve para os trabalhadores. Porém, não houve conflictos sangrentos, como tanta e tanta vez succede, entre a força armada e os grevistas. Nada d'isso. Os operarios limitaram-se a fazer as suas reclamações pacifica e ordeiramente e como não foram uma nem duas, mas muitas classes que o fizeram, o governo viu em tal um perigo para as instituições e publicou o decreto acima referido. Deve-se notar que os operarios em greve por este facto não deixavam de ser republicanos.

O decreto é uma copia do hespanhol como muito bem se póde ver comparando o texto de um e de outro o que aqui não fazemos, porque o espaço não é muito. Porém, o que conseguiu o governo com essa pseudo medida anti-grevista? Que muitos operarios comecem a medir pela mesma bitola a Hespanha de La Cierva e a nossa republica. Foi uma má medida governativa aquella, que não conseguiu o fim que tinha em vista pois continuaram a haver greves da mesma fórma e importantes como a do pessoal ferro-viario. Se havia individuos que extranhos ao operariado andassem explorando com a miseria d'este para crear embaraços ao governo esses individuos que fossem presos e se se provasse o seu delicto que fossem severamente punidos. Mas tentar reprimir a voz dos famintos fazendo-os engulir um decreto reaccionario, isso nunca.

EURICO ZUZARTE. (LEÃO GRAVE)

EPIGRAMMA

Entre um padre e entre um burro
Travou se azeda questão;
Dizia o burro que sim
Zurrava o padre que não.

—Não digas que te não *tachas*
—Dizia o burro baixinho—
Pois que tu sempre és um padre
E os padres gostam de vinho.

—Não contesto, meu amigo,
Volve o padre com recatos,
Mas isso não é comnigo
Isso é lá c'o padre Mattos!

Ninguem quer ser o auctor do decreto sobre as gréves.
Coitadinho, é engeitado!

O diario dos thalassas
Foi mesmo um ar que lhe deu

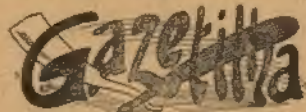
GLOSA

Diziam poucas chalaças
Aos *unhacas* provisorios,
Era escripto por *ligorios*
O diario dos thalassas.
Em troca d'essas negaças
O povo que é um *judeu*,
A paga logo entendeu
Dever dar á vil patranha
Por isso o *Correio da Manha*
Foi mesmo um ar que lhe deu

IRIS.

Brindes

Da acreditada fabrica da Pampulha, recebemos os seus novos productos, Republica e 5 de Outubro que, como todos os outros alli fabricados são tão bellos que o miolho já lá vae, só ficando a folha da caixa.

Agradecemos e não tenham acanhamento de futuro é mandarem mais, porque os gulosos cá pela redacção abundam.

Rabiscar sem haver luz
Transtorno grande me faz
Não me tenta, nem seduz...
Meu leitor, meu *ai jesus*
Vou dormir: não ha *cá gaz*...

Com tanta greve exquisita
Vamos ter revolução:
A sopeira até apita!
E a patroa berra e grita
Sem ter lume no fogão...

Eu porém que sou prudente,
E não gosto de restolho
Vou por termo ao incidente
Pois forneço de presente
Lume... que tenho no olho!...

IRIS.

Ora o tezo...

Um collega todo cheio de basofia, diz que não esteve na Rotunda mas esteve á hora do perigo, alli na redacção, defronte do Illustrado.

Pois olhe, só se estava debaixo da chaminé, porque não lhes vimos á janella nem a cabecinha!

Tal era o medo hein?!

Alli á preta

Ao domingo ha pão duro, mas ha pasteis molles.

Havemos de ser golosos mesmo que não queiramos!

PROVERBIOS

«Longe da vista, longe do coração.

GABY DELISS.

«O que o berço dá, a tumba o leva».

JOSÉ LUCIANO.

«E' bom estar preso a duas amarras».

JOSÉ D'ALPOIM.

«A bom entendedor meia palavra basta».

SILVA PINTO.

«O rabo é o peor de esfolar.

BISPO DE BEJA.

«Quem quer vae, quem não quer manda».

CASALEIRO.

A 31 de janeiro numero dedicado a **João Chagas, major Coelho, alferes Malheiros, Buiça** e **Costa**

A má lingua

Ora aqui está uma lingua **damnada,** que é preciso desinfectar sem demora.

AO CORRER DA FITA (PIADAS)

—Olá!... Já cá está?... Hoje madrugou!...

—Então que quer? se a gente precisa!

—E que grande quantidade de roupa, safa!...

—Todas as semanas é isto que se vê...

—E então esta foi das bôas, rapasiada!

—Agora a proposito de rapaziada: Sabe o que o D. Manuel pediu á avó?

—Aposto que foram tres beijos, como o Cupido pediu á mãe!

—Qual historia!...

—Então não posso adivinhar.

—Pediu á avó para que fosse tambem para Londres viver com elle.

—Ora, ora!... a D. Maria Pia já ha muito tempo que se não relaciona com os inglezes...

—Pois é por isso mesmo que o neto deseja que ella restabeça relações.

—Agora?!... Tarde piaste!...

—Não sei... o que sei é que vinha nos jornaes.

—Os jornaes dizem muita coisa que assim não é.

—E com respeito ás gréves? Que me diz?

—Ai!... Não me falle n'isso!...

—Porquê?

—A dos caixeiros, principalmente, esteve um bocado séria.

—Ora adeus!...

—Vocemecê duvida?

—Eu duvido, sim! Nem vejo motivos para que houvesse sustos.

—Pois olhe, o meu freguez da loja de modas, estava bastante assust do n'esse dia.

—O quê?... Por causa da gréve?...

—Se lhe parece!... os caixeiros assim que viram passar lá pela porta, um grupo de collegas, deitaram a fugir para a rua.

—E então por causa dos caixeiros fugirem é que elle se assustou?

—Não foi lá por isso!

—Então?

—Foi porque lhe deixaram a fazenda de fóra!

—Oh!... coitado!...

—E ó homem, que já está um pouco avelhantado, tinha receio de sozinho não poder com os fardos.

—Então chamasse um moço.

—Ora... os moços sabem lá mecher em fazendas!

—Ou uma moça.

—Pois sim... va conversando!...

A outra poz-se a rir á sucapa. Depois de alguns momentos de silencio, perguntou:

—E que me diz a lei do descanço semanal?

—Eu... nada!...

—Mas não lhe parece sem senso commum?

—Não... a mim parece me sem senso como dois.

—Dizem que quem fez a lei foi o Fortes?

—Qual?... Aquelle ali do restaurante?

—Não sei, mas julgo que foi outro.

—Pois olhe que parece ser feita pelo do restaurante, por querer as casas de pasto abertas a vontade, e as padarias fechadas.

—Pois sim, mas tambem as confeitarias abrem.

—E' verdade!... De maneira que, se quizermos pão, não ha, mas podemos comprar bolos.

—Se é com elles e com papas que se enganam os tolos...

—E é verdade!

—Deve ser muito saboroso, estar a comer uma posta de bacalhau com batatas, ajudada de *especiones*...

—Ou com pasteis de nata!...

—E se forem uns *sonhos*?...

—Sonhos são todas estas coisas, e toda a gente está ainda a sonhar, segundo me parece...

—Sim, sim, talvez!

—Eu não sei como hei de arranjar a coisa no domingo. Demais a mais meu primo vae lá jantar...

—Não póde ter pão molle?

—Estou a vêr que não...

—Compre uns pãesinhos de fôrma, e metta-os na boca do fogareiro, sempre amollecem um bocado...

—Meu primo não gosta do pão de forma, que embuxa muito. Acostumou-se ás rôscas, e não quer outra coisa...

ARIEL.

Ora esta...

Então tiram o jesuita Fernando de Souza do Sul e Sueste, para o mandarem para Roma em embaixador?

Ora mandem no para aquella parte!...

Coisas da vida!

Coitado do Alpoim, ai coitadinho!
Como anda adoentado o Zé Maria!
Depois que *deu á casca* a monarchia
Ficou logo de todo doentinho!

Soffre da sua gotta, o pobresinho,
E mais tambem o figado o arrelia...
Um homem que um colosso parecia
E afinal tão doente e debilsinho!...

Porém tudo p'ró rico a bem se arranja
E assim elle coitado, vae p'rá «estranja»
Curar os seus achaques, repousando,

Emquanto o pobre *Zé* se se amofina
Vae logo tomar ares p'ra officina.
Alli como um catita, trabalhando!

TÃOBALADÃO.

Ganhar a dezoito!

D. Miguel disse que se a patria precisar d'elle, esta ás ordens.

Precisamos sim senhor: para a camara!

—Aclarar-se o crime da creança esquartejada, praticado no tempo da monarchia.

—Aclarar-se o crime, idem, idem, praticado no tempo da Republica.

—Concluirem-se as obras de Santa Engracia.

—Publicarem-se os documentos relativos ás roubalheiras na Casa da Moeda.

—Prender se o João Franco.

—Enterrarem-se as victimas da Magdalena.

—Dár se um correctivo aos juizes que absolveram o Teixeira de Abreu.

—Extinguir se o imposto do consumo que peza sobre o pobre Zé.

—Lançar se o imposto do rendimento sobre quem tem dinheiro e póde pagar.

(*Segue*)

Aguas passadas

IV

Escreveu algures Ramalho Ortigão, por alcunha o *Canastrão*—que o caixeiro de modas era uma especie de cão da Terra Nova, emergindo d'um banho d'oleo de amendoas doces.

A distincção flagrante e ironica do pamphletario, assaz justa para aquella epocha de servilismo e de mentira, representa o *moçoilo* de ha bons trinta annos, aparvoiçado e baboso vindo das *berças* para um balcão da Baixa, frequentador das *Sociedades Incriveis*... onde recitava, em melopeias ridiculas, ás travessas *lisboetas* o *Noivado do Sepulchro* e o chatissimo *Dorme que eu velo, seductora imagem!*... Parece ainda vel-o todo samaleque e cortezias para as *Soisas* e para as *Castros*, fazendo a venda sob o olhar de *esguelha* do patrão que o castigava com jejuns e chibatadas se não fazia negocio: *Vocelencia não deseja mais nada? Vão os entremeios de pinto? Devem ser celestiaes no decote de vossa ex.ma filha, senhora D. Conselheira*... E no descanço semanal, dando-se ares de alguem, espartilhado no fato domingueiro, em que a benzina e a agua de colonia se confundiam, catrapiscando a menina do quarto andar a quem presentiava com trouxas d'ovos, meias de seda e retalhos de fita, em paroxismos de amor!

O caixeiro de modas Bonifacio, tinha a sua importancia entre as *femêas* e chegou a governar em dictadura esta galante raça zoologica! O caixeiro era o ai Jesus da *sopeira, do prato do meio e da sobre-meza*. O estudante com fama de estroina, o *guita da mancipal* que a nossa querida Republica atirou para as profundas do inferno, o collega da mercearia, lanzudo e bisonho, ficavam a chuçar no dedo!...

—O caixeiro do Gregorio?... Tão prendado... tem palavras tão meigas... Convem á tua filha. E' muito trabalhador (sem referencia ás horas de trabalho que agora se discutem) e de boas familias. E galante... Oh! Gabriella, elle ainda está no Grandella?...

—Ai, crédo!...

* * *

Com a transformação social dos ultimos tempos, tudo mudou.

Hoje o caixeiro usa, em vez do sebaceo cosmetico que lhe *untava* a cabelleira de *rata-sabia*, a bomba nihilista, ameaçando o governo da Republica (que, no meu entender de republicano apaixonado desde os 15 annos, tem alicerces capazes de atravessar todos os seculos) e em vez das rimas romanticas, em voz melliflua, verdadeiras tiradas tribunicias que causariam inveja a *Catilina* ou *Mirabeau*.

O caixeiro portuguez conquistou os direitos politicos e sociaes, primeiro que as mulheres *das ligas*... o que é para fazer ralar a sr.ª D. Anna de Castro Osorio... Conquistou-o e conquistou-o á teza! E hoje, do pinho d'um balcão ao hemicyclo da camara legislativa vae uma palavra.

Tomemos por modelo de lucta, de tenacidade e patriotismo algumas notas colhidas ao diario d'um caixeiro de pastelaria da Baixa que, por signal, não *é* pastel... E' bastante illustrado e poeta... A sua orthographia é sonica como burro...

—Junho 18—Sahi da loja ás 10. A's 11 horas a *goarda mancipal abançou, descarregou, matou*... e *uma bala paçó e friu a minha orelha do lado esquerdo*. Prêso para o governo civil, Paguei fiança. Patrão que era *thalassa*—malandro, *despidiu-me*. Abaixo João Franco! Viva a Republica.

—Março, 25—Sarau na «Assuciação.» «Rececitei» os «bérços» do «pamfulheto» ao Buiça, escripto por um revolucionario da trama, meu amigo. Delirio. Aclamação. Enthusiasmo. Entreguei a cartinha á Genoveva que veiu ha dias da Parvalheira e que disse que talvez me «escrevesse»...

—Março, 26—Grande «cumicio!» Viva Antonio Zé. Viva Affonso Costa! Viva a Republica! Viva! Viva! Viva! Viva! Viva! Viva! Viva! Viva!

—Outubro, 5—Estive na Rotenda... Pois claro! Porque é que o menino não havia de estar na Rotunda?... Toda a gente lá esteve como diz o sr. Machado dos Santos!

O caixeiro á maneira de «Jehovah» esteve em toda a parte... Das primeiras conflagrações no regicidio e d'este á Republica, em toda a parte metteu o nariz!... Escreveu cartas politicas e cartas d'amor; brindou em «batisados» e fallou ás massas em Alhos Vedros; foi carbonario e foi jornalista.

Depois de 5 d'outubro foi—cidadão.

De cidadão passou a «communard»!

Ha portanto que emendar a celebre pagina das «Farpas».

Definição: Caixeiro—especie de «Pataud» da C. G. do Trabalho, emergindo do Lausperenne da Encarnação!!!

HENRIQUE DE CARVALHO.

No proximo numero, O ZÉ presta homenagem á digna attitude do cidadão dr. Antonio "Zé" d'Almeida

Folhetim interessante e reinadio, original de Arthur Arriegas (Rei Bagéra) o qual descreve todas as peripe-

PHANTASIAS

— Uma por semana —

DECRETO

Considerando, quão funesta foi para o povo, a realeza, demolida em V de Outubro de MCMX;

Considerando que se deve apagar da memoria do mesmo povo, a idea d'esse regimen nefas o;

Considerando que para esse fim é neccessario terminar com tudo que recorde o dito regimen;

O Governo Provisorio da Republica Portugueza faz saber que em nome da Republica se decretou para valer como lei, o seguinte:

ARTIGO I: Passar-se-ha a viver na phantasia dos factos por que é abolida a «realidade».

Artigo II.—E' egualmente abolido o adverbio realmente que passa provisoriamente a ser desempenhado nas suas funcções pelo seu collega «presidencialmente».

Artigo III—Nas escolas, em vez de se ensinar a prova real ensinar-se-ha a prova nacional Almeida Garrett.

Artigo IV—São depostos os réis... de paus, de espadas, de copas e de ouros. E' prohibido o Rei... da Gafanha, o Rei... Lear, o Rei... Banaboia, 35 e El-rei que rabió.

Artigo V—O Bolo rei passará a chamar-se Bolo Nacional e o dia de reis, dia de chefes de republicas.

Artigo VI—E' abolido o real d'agua e o Sr. Côrte Real.

Artigo VII—Não são validos desde o presente decreto os nomes como Batalha Reis, Emilio Infante, Reis Torgal, etc., podendo ser substituidos pelos de Batalha 5 de Outubro, Emilio Machado Santos, Republico Torgal.

§ unico—E' excluido o Sr. Malheiro Reymão que quando andar a monte por fóra do paiz poderá usar o de Rey... irmão.

Artigo VIII—Por serem dispensados os palacios reaes, Lisboa deixará de ter Necessidades e de viver com a ajuda dos outros.

Artigo IX—E' abolida a corôa e os 500 réis em prata passarão a designar se por barretes phrygios. Valerão 500 theofilos.

Artigo X—Pelo artigo anterior em que é abolida a corôa, os padres passarão a abrir em vez da dita, um phrygio.

Artigo XI—Pela mesma razão são abolidas as corôas de flores, dos enterros.

Artigo XII—São suspensos das suas funcções os aspirantes por fazerem... a côrte... ás pequenas boas da capital.

Artigo XIII—As bandas regimentaes, fanfarras, solidós e tunas não mais p derão ter regentes porque parece allusão ao defunto reino.

Artigo XIV—E' prohibido o Carnaval e mais tempo de reinação.

Artigo XV—Idem o Jornal o Zé por ter sido feito para reinar.

Artigo XVI—E' prohibido o Sr. João Maria Sevilha por ser o «principe» dos poetas portuguezes e isso ser coisa que acabou...

Artigo XVII—E' considerada fóra da lei a Agua das Lombadas por ser, como dizem, a rainha... das aguas de meza.

Artigo XVIII—E' abolido o nome de «*Caldas da Rainha*» sendo provisoriamente denominado «*Caldos de Galinha*», até á inauguração do seu nome official «*Callos do Dr. Artur Leitão*»

Artigo XIX—E' prescripta para todo o sempre a familia dos Deuses e proclamada a republica no reino... dos céus. Assumirá a presidencia, no logar do «Deus Christo», do povo hebraico, o «Homem Christo do povo de Aveiro.

§ unico—Por attenção com a empreza Baptista & Lacerpa é permittida nas praças de touros; a designação aos garraios, de «E' Real!!... é real... para arremeterem.

Artigo XX—Fica revogada a legislação em contrario.

Este decreto não póde pôr já em acção porque é prohibido «realisar» qualquer coisa.

Os ministros de todas as repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Dado nos paços do Governo da Republice aos 16 de Janeiro de 1911.

O Governo

EU PROPRIO.

—Que o governo tolerante
Faz afinar o pagante;
—Que o João Franco fugiu
A nove, n'um corropio;
—Que o Povinho está repezo
De em tempos o não ter prezo;
—Que o Zé perde a paciencia
Com tanta benevolencia;
—Que no paiz e em Além-mar
Ha thalassas a mandar!
—Que isto assim não póde ser
Nem se póde comprehender!
—Que p'ra mostrar ter juizo
Correl os já é preciso...
—Que se o Governo é tolerante
Nada tolera o Zé Pagante;
—Que o ataque aos taes jornaes
Para exemplo é já demais;
—Que para evitar desgraças
Ponham na ordem os thalassas!!

Façam isso!

Diz a *Revolta:*

«Aquelle que sobraçar a pasta das finanças, não pode ser um poeta»...

Ora essa? Nós somos poetas de pé quebrado, e eramos capazes de endireitar as finanças!

Experimentem...

Seremos ou não saremos!

Os *monarchicos* adhesivos de Mattosinhos vão fundar um centro *republicano*.

O' meninos, chega a gente a duvidar se nós proprios somos republicanos... Pois se os thalassas agora é que o são, talvez nós o não sejamos!...

O ZÉ no theatro

A gréve dos theatros

Ao que nos consta os emprezarios dus [illegible] de espectaculos reunidos [illegible] á noite nas salas do Atheneu resolveram declarar-se em greve, pelo facto de... necessitarem as suas casas cheias. A' reunião presidiu o sr. S. Luiz de Braga que expoz a situação tendo causado o assombro de todos os seus collegas pois o julgavam em maré de rosas com a sua bella peça «O Papilon». O sr. S. Luiz Braga explicou que na verdade tem tido casas cheias e espera continuar a tel-as com o original do grande Marcelino Mesquita «Margarida do Monte», mas que se acha em parte lesado, pela concorrencia do

Gymnasio. Levantou-se o sr. Christiano de Sousa que assistia á sessão e confirmou ter o seu theatro casas boas mas simplesmente devido a levarem uma peça d'aqui (levou a mão ao cantinho do... nariz) «Ir a Roma»... que tão auspiciosamente se estreou no sabbado passado. Mas que a

Trindade o prejudicava, bastante, pois levava a grande Palmyra Bastos na reputada peça «Amores de Principes». Taveira por sua vez fallou sobre a operetta sendo appoiadissimo pelo seu collega Galhardo. Pudéra! Pois se o seu reportorio é todo das bellas peças estrangeiras cujo valor é indicado dia a dia mais brilhantemente pelos successos da «Bella Cançonetista».

Furioso, Ruas levantou-se, e mandou que a seu ensaiador Pinheiro repetisse a conferencio sobre a «operetta portugueza» acabando por cantar com musica de Filippe Duarte, esta quadra:

Se o padre Santo soubesse
O gosto que o fado tem
Vinha de Roma a Lisboa
P'ra ver o «Fado» tambem.

De pé, gesticulava, pequenino, baixinho, e redondinho, o Ignacio Peixoto, affirmando que se aquelles theatros tem boas casas é devido ao corpo e pernas de coristas. «Quem quizer bom theatro, quem quizer beber do puro summo da Arte é entrrar no

Nacional para verrrr a grrrande peça «A Bi» em ensaios para sabbado. Sexta feira, não preciso de reclame pois os estudantes enchem-me a casa e tudo me revolucionarão.

Alto! Frente! exclamou o Alves da Silva que estava na sombra. Para revolucionar o «5 d'outubro»; lá é que o povo se sente capaz... de ser forte, não desfazendo do collega Santos do

Colyseu, cujo fraco eu sei, ser o querer ser o mais forte nas companhias.

Fechada a sessão foi resolvido que todos se esmerassem no desempenho para não crearem embaraços ao governo.

Vão lá entende-los

A manifestação dos cyclistas ao governo era composta seguudo o jornal o *Mundo* de perto de 3:000 pessoas, segundo o *Seculo* de mais de mil e segundo o *Noticias* algumas centenas.

Vá lá a gente ser prior d'uma freguezia destas!

Pão pão, queijo, queijo!

Um collega chama *bestas* e *maus* aos monarchicos que no Brazil andam aos coices contra nós.

Não senhor: são, *thalassas e malandros!* Ora aqui está!

Ultima hora

Hespanha—Já me consolei, perda do reino. Encontrei varios amigos e isso me enche o olho.

UM QUE FOI DE BEJA

Londres—Não deixar, Portugual, ter guarda fical, para sermos apalpadas.

UMA TOURISTEA

Italia Tres factos me faziam amar Portugal. Meu marido ser portuguez; Cintra; e ser rainha. Desde que perdi os tres, não espero voltar lá.

EX-RAINHA AMELIA

Italia—Redação do Zé. Aquelles que dizem ter sido proposito enterrar a naçao e o Zé povo, tenho a dizer que sim. O meu grande desejo sempre foi enterra-l'o.

EL EX REI

AGENCIA FAVAS

No proximo numero pagina central d'O ZÉ retrato do DR. ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA

lho, 158, Rua da Prata, 166—LISBOA.

Podes fugir à vontade, que eu estou vendo onde te escondes, meu lobo corrido.